

JUVENTUDES, LUTAS SOCIAIS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Amanda Nathalia Pinho Andrade¹

Pedro Luiz Costa Ferreira Junior²

Maria Aparecida Milanez Cavalcante³

Resumo: Este trabalho aborda a importância da compreensão das juventudes em contexto de crise capitalista, destacando suas múltiplas transformações sociais, políticas e culturais nas lutas de classes. Enfatiza a heterogeneidade das juventudes, sua condição na sociedade em relação à classe, gênero, raça/etnia. Discute, também, a atuação dos/as jovens como sujeitos sócio-políticos nas lutas sociais, utilizando estratégias inovadoras, como a mobilização dos coletivos juvenis através das mídias digitais e o papel destes na defesa de pautas sócio-políticas e econômicas, de educação, de diversidade sexual, de antirracismo, antimachismo e anticapitalismo.

Palavras-chave: Jovens; coletivos/as juvenis; mídias digitais.

Abstract: This work addresses the importance of understanding youth in the context of capitalist crisis, highlighting their multiple social, political, and cultural transformations in class struggles. It emphasizes the heterogeneity of youth, their position in society regarding class, gender, race/ethnicity. It also discusses the role of young people as socio-political subjects in social struggles, using innovative strategies such as mobilizing youth collectives through digital media and their role in advocating for socio-political and economic agendas, including education, sexual diversity, anti-racism, anti-sexism, and anti-capitalism.

Keywords: Youth; juvenile groups; digital medias.

1. INTRODUÇÃO

Para compreender as juventudes no movimento real da sociedade capitalista, é necessário buscar as múltiplas determinações que tornam díspares a condição juvenil. Para isso, são necessárias análises desde as variáveis associadas à sua posição na estrutura social, como classe social, gênero, raça/etnia e território, até as particularidades de seus contextos materiais e históricos, o que torna evidente a

¹ End.: Alameda Ns-16, 92 - Coqueiro, Belém - PA; Tel: (91) 98195-5276; E-mail: amandanathalia.an@gmail.com

² End.: R. Barão de Igarapé Miri, 1248 - Guamá, Belém - PA, 66075-045; Tel: (91) 98350-7327; E-mail: pedroferreirajr13@gmail.com

³ End.: R. Augusto Corrêa, 1 - Guamá, Belém - PA, 66075-110; Tel.: (86) 99809-6902; E-mail: milanez@ufpa.com

diversidade de perspectivas e demandas presentes nesse segmento social. Tal diversidade não apenas enriquece as vivências individuais dos/as jovens, mas também é essencial para entender as distintas formas de engajamento e ação coletiva que surgem a partir dessas experiências, que são forjadas no interior da luta de classes.

Nessa lógica, para se ter uma compreensão mais aproximada no que diz respeito às juventudes, faz-se necessário uma abordagem que supere de estereótipos e generalizações historicamente presentes nas análises sobre este segmento social, e buscar as condições concretas, materiais e subjetivas que determinam a condição juvenil.

É nesse cenário que os coletivos juvenis despontam como protagonistas na mobilização política e social dos/as jovens. Esses coletivos representam espaços de articulação, organização e ação coletiva, nos quais as juventudes encontram canais para expressar suas demandas, reivindicar seus direitos e engajar-se ativamente na construção de uma sociedade mais justa e emancipada social e politicamente. Ao abraçarem uma ampla diversidade de pautas em suas lutas sociais, os coletivos juvenis demonstram uma consciência crítica e uma postura proativa na transformação das estruturas sociais, visando à defesa de uma nova ordem societária.

Portanto, nossa perspectiva de análise é orientada pelo método crítico dialético, a fim de compreender os novos desafios e demandas, assim como formas de intervenção no contexto das grandes transformações sociais em curso, resultantes do processo de reestruturação produtiva do capital, sob hegemonia do capital financeiro, e de renovação conservadora.

A metodologia envolveu um levantamento realizado por pesquisadores e bolsistas de iniciação científica da Universidade Federal do Pará (UFPA) utilizando páginas do *Instagram* para identificar as diversas pautas abordadas pelos/as coletivos/as juvenis presentes na rede social. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos relacionados ao tema de pesquisa. A partir da leitura crítica desses artigos, foram extraídas informações relevantes para a elaboração do trabalho científico.

O artigo está estruturado, para além desta introdução, em outras duas seções; a primeira apresenta uma análise sobre as juventudes na sociedade contemporânea, destacando a diversidade de suas demandas e ações em busca da transformação social; a segunda seção discute os temas abordados pelos/as coletivos/as juvenis.

2. JUVENTUDES E LUTAS SOCIAIS: A BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO

Discutir as juventudes traz à tona a importância de se entender que estes sujeitos estão inseridos historicamente na contemporaneidade sob as determinações do capitalismo globalizado e suas crises sistêmicas. Deste contexto, observa-se que os/as jovens são marcados/as por mudanças sociais, econômicas e políticas profundas que estão intrinsecamente ligadas às expressões da questão social, entendida por lamamoto (2000) como “o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura”, no qual resulta em um aumento significativo daqueles que não tem acesso à educação, saúde, cultura, lazer e trabalho.

Nesse sentido, ser jovem significa estar imerso em um conjunto de relações e experiências, que vai muito além da definição etária e geracional, como analisam Cavalcante e Teixeira (2023, p.5), em que:

(...) implica numa dimensão de heterogeneidades e certas homogeneidades entre os grupos pela vivência de situações comuns. As mediações determinantes de classe social, gênero e raça/etnia interagem e se codeterminam com as dimensões biológicas e etárias, formando os nós sobre os quais incidem maiores desigualdades no modo de vivenciar essa etapa da vida.

É necessário entender, ainda, sua posição de classe social, vínculos, interações e ocupações, abandonando a visão mítica, homogênea e estática de juventude no singular. Portanto, as juventudes, como já mencionado, são heterogêneas e não há um acordo universal ao discuti-las, tendo em vista que existem múltiplos conceitos e significados atribuídos a elas, e para compreendê-las verdadeiramente faz-se necessário enxergar esse segmento, inscrito nas relações concretas da sociedade de classes, e que sobre elas têm recaído construções histórica e cultural, também em torno da disputa acerca do seu significado. Sem dúvida, são constituintes das classes, inserida em um contexto social mais amplo, com determinações de classe, gênero, raça/etnia, que tensionam a sua condição juvenil, na qual esses fatores têm um impacto direto na jornada de vida dos/as jovens.

Entende-se, então, que as oportunidades, em acepção positiva e política do termo, isenta da análise de luta de classes e da heterogeneidade das juventudes, em particular, reforçam a concepção liberalizante e individual, em que centra o indivíduo como sujeito que aproveita oportunidades, instituídas pelo Estado e sociedade ou construídas por ele mesmo, positivando as regras dominantes de meritocracia,

neutralizando o antagonismo social de classes e as desigualdades sociais dele resultante.

À vista disso, segundo Abramo (2005), a experiência da juventude é moldada pelo contexto social em que se encontram, sendo influenciada pela situação em termos de classe, gênero, raça/etnia, renda e outros aspectos relevantes. Logo, em uma sociedade onde essas distinções são bem marcantes, as vantagens são mais evidentes para jovens brancos, homens e de classe alta em comparação com jovens negros, mulheres e de “classes subalternas” (GRAMSCI, 2002). É importante destacar, também, que essas diferentes situações não são independentes, sofrem entrecruzamentos, criando realidades difíceis e desiguais para as juventudes.

Concomitante a isso, Gramsci (2002) afirma que as reflexões sobre a condição de subalternidade estão intrinsecamente ligadas às relações entre o Estado, a sociedade civil e a hegemonia, esta última que se refere à capacidade de uma classe dominante ou grupo social estabelecer sua visão de mundo como a visão preponderante na sociedade. Ainda para o autor, “os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória 'permanente' rompe, e não imediatamente, a subordinação” (Gramsci, 2002, p. 135).

Destarte, para Gramsci (2000) a classe dominante mantém sua hegemonia por meio da coerção e da força e, também, pela aceitação voluntária das ideias e valores dessa classe pelas classes subalternas. Esse consentimento é muitas vezes influenciado pela cultura, educação e mídia, que desempenham um papel crucial dessa hegemonia de uma classe sobre as outras. Logo, o Estado, um dos espaços onde a dominação se manifesta claramente, é um instrumento que atua de forma planejada para consolidar essa hegemonia, exercendo pressão, incitando, solicitando e punindo conforme necessário.

Nesse sentido, o Estado, entendido por Gramsci (2000) como uma entidade não neutra ou imparcial, é uma ferramenta fundamental para a reprodução dos interesses das classes dominantes, criada e moldada pelo Estado burguês, que estabelece as bases para a consolidação de uma visão de mundo que legitima e perpetua a hegemonia dessas classes. Isso implica em novas formas de pensar sobre direito, política, economia, educação e ética, construídas dentro desse contexto, que refletem e reforçam as relações de poder existentes na sociedade.

Desse modo, essa hegemonia das classes dominantes se manifesta na construção e perpetuação de estereótipos negativos sobre os jovens, são, muitas vezes,

rotulados como indivíduos problemáticos e associados a questões como violência, criminalidade e comportamentos inadequados. Essas percepções, conforme discutido por Esteves e Abromovay (2007), criam uma narrativa que vincula a juventude à ideia de ameaça social e delinquência, sugerindo que a condição de ser jovem está intrinsecamente ligada ao desvio e à contravenção, colocando em risco não apenas sua integridade como também a segurança e moralidade da sociedade como um todo.

Além disso, falar sobre juventudes requer, ainda, discutir o papel fundamental dos jovens nas lutas sociais, estes que são frequentemente agentes ativos de mudança e transformação na sociedade. Suas participações em movimentos sociais, protestos, atividades políticas e iniciativas de engajamento cívico indicam indivíduos cada vez mais conscientes e ativos na construção de uma sociedade democrática. Diante disso, Novaes (2002) vem falar que

Os jovens de hoje querem ser diferentes, pessoais e visíveis. Em outras palavras, o sucesso da ação por eles proposta está relacionada com a assunção das diferenças sociais, com o desejo de transformar sentimentos pessoais e com a eficácia da visibilidade de sua presença (Novaes, 2002, p.53).

Logo, considerando a diversidade dos espaços de participação juvenil e sua intensa interação com o sistema democrático, torna-se crucial compreender suas lutas sociais não apenas como expressões de conflito por interesses socioeconômicos e políticos, mas também como manifestações de uma busca pela emancipação humana e pela superação das classes sociais. Nessa lógica, para Gramsci (1987) essa superação só é possível

[...] a medida em que consegue criar um sistema de aliança de classes, que lhe permita mobilizar, contra o capitalismo e o Estado burguês, a maioria da população trabalhadora – o que significa, dadas as reais relações de classes existentes, que o proletariado pode se tornar classe dirigente e dominante na medida em que consegue obter o consenso das amplas massas. (GRAMSCI, 1987, 139).

Portanto, segundo Gramsci (1999), a transformação desse cenário e a busca pela plena unidade implicam em uma ampla batalha que requer, em primeiro lugar, uma análise crítica interna, alcançada por meio de um embate entre diferentes hegemonias políticas e direções contrastantes, começando pelo campo ético e avançando para o político, culminando em uma compreensão mais elevada da própria realidade. Para Gramsci (1999)

“É necessário dismantelar o discurso racional burguês que se baseia na superficialidade e no pragmatismo dos fenômenos sociais, e

reconstruir as práticas sociais de maneira inovadora, transformando-as em algo concretamente pensado e vinculando-as a uma nova visão de mundo” (Gramsci, 1999, p.103).

Nesse contexto, a luta de classes emerge como elemento central, pois é por meio dela que se articulam as contradições e antagonismos que impulsionam a transformação social e a emancipação humana.

Ademais, é válido ressaltar que essas lutas sociais não se restringem apenas às questões políticas, mas também abrangem temas relacionados à cultura, identidade, sexualidade e saúde mental. Dessa maneira, os jovens têm se destacado na defesa dessas pautas e suas vozes têm impulsionado debates importantes que visam a incorporação de suas demandas nas agendas públicas.

3. COLETIVOS JUVENIS NAS MÍDIAS SOCIAIS: ARENA DE LUTAS SOCIAIS

Uma das características marcantes das lutas sociais protagonizadas pelos jovens é a utilização de estratégias inovadoras e adaptáveis aos contextos contemporâneos. Por exemplo, a presença dos jovens nas mídias digitais e nas redes sociais tem sido uma ferramenta poderosa para mobilizar pessoas, e para Castells (2013) é um importante meio de disseminar informações, organizar protestos e ampliar o alcance das mensagens de resistência e reivindicação, isso, muitas vezes, a partir de movimentos sociais e coletivos/as juvenis, que para Gohn (2008) são “[...] ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”.

Nesse sentido, para Sposito (2010), assim como outros grupos sociais que buscam mudanças, os coletivos utilizam a linguagem e a cultura como ferramentas para se envolverem politicamente e aprenderem sobre questões políticas. Eles fazem isso ocupando espaços públicos e dando-lhes novos significados, redefinindo assim o propósito desses locais. Além disso, promovem a ampliação e diversificação do debate público, que contribui para a pluralidade de ideias e perspectivas na esfera social, na qual se fazem presentes diferentes discursos e projetos societários, defendidos a partir de suas necessidades e demandas específicas ao Estado e sociedade, com vistas a conquista de direitos universais.

A vista disso, a presença das juventudes nas mídias digitais permite que esses jovens alcancem um público mais amplo e diversificado, além de que são “espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas que, ao longo da história,

havia monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder” (CASTELLS, 2013, p. 7). Acrescenta-se que esses canais, também são instrumentos sociais que revelam a luta de classes, visto que não são usados apenas por sujeitos políticos que visam a transformação da ordem vigente com fins emancipatórios, mas também por grupos que atendem à manutenção da ordem social capitalista, machistas, racista, com uso recorrente de camadas conservadoras e extremistas.

Por conseguinte, ao analisar as pautas mais defendidas por esses coletivos, a partir de um levantamento de páginas do *Instagram* de coletivos juvenis que atuam em Belém-PA, sendo identificados 16 (dezesesseis) identidades coletivas, realizado por pesquisadores e bolsistas do Projeto de Iniciação Científica da UFPA, e considerando que as mídias sociais são estratégias políticas para a mobilização dos jovens, foi possível identificar uma ampla gama de temas que refletem a diversidade das demandas juvenis na sociedade contemporânea.

Portanto, foi possível identificar que um dos principais eixos de luta é a pauta antirracista, em que 9 (nove) desses/as coletivos/as juvenis tem como repertório de ação esse tema, dentre eles destacam-se Juntos!, Coletivo Negritude em Movimento, União da Juventude Socialista (UJS), Coletivo Juventude Periférica, Movimento Popular da Juventude (MPJ), Movimento Enfrente, Coletivo Xica, Coletivo Juntas, Jovens pela democracia, na qual enfatizam a promoção de uma discussão abrangente e aberta sobre questões étnico-raciais e a necessidade de combater o racismo em todas as suas manifestações.

Outra pauta central abordada por esses/as coletivos/as é a feminista, que busca a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade, incluindo o combate à violência e o assédio contra as mulheres, destaca-se 8 (oito) coletivos/as, que são Juntos!, Coletivo Mães Universitárias Pela Permanência (CMUPP), Movimento de Mulheres Olga Benário, Coletivo Juventude Periférica, Movimento Popular da Juventude (MPJ), Movimento Enfrente, Coletivo Xica, Coletivo Juntas. Essa luta por seus direitos revela que a distinção entre os gêneros não é algo inerente, mas sim resultado de influências culturais na socialização de meninas e meninos, o que desmistifica a concepção de que a anatomia determina o destino de alguém com base no gênero. Portanto, isso enfatiza a necessidade de promover a desconstrução dessas ideias para, assim, ser possível a igualdade de gênero.

Os/as coletivos/as LGBTQIAP+ desempenham um papel fundamental na defesa dos direitos das lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, pessoas

intersex, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero. Além da busca por seus direitos civis, procuram, também, o reconhecimento de sua identidade e expressão pessoal. Os coletivos/as presentes nessa luta são Coletivo Xica, Movimento Enfrente, Movimento Popular da Juventude (MPJ), Coletivo Juventude Periférica, Juntos!. E faz-se importante destacar que as reivindicações desses/as coletivos/as são para que o Estado responda às demandas específicas dessa população através de políticas sociais que garantam atendimento adequado e igualitário. Lutam contra a discriminação, o preconceito e a violência, e pelo acesso a moradia, renda e principalmente a educação, que muitas vezes são negados.

Juntos!, União da Juventude Socialista (UJS), Coletivo Juventude Periférica, Engajamundo, Cojovem, Coletivo Jovem Pará (CJ), Coletivo Apoenas são coletivos/as que pautam o meio ambiente e estão ativos na defesa da sustentabilidade ambiental, visando conscientizar os sujeitos do seu impacto socioambiental, incentivando o desenvolvimento Eco-sustentável da cidade. Segundo Castells (2010), o movimento ambientalista emerge como um protagonista na contemporaneidade, porém, entende-se que este movimento e as concepções teóricas em torno dele, por vezes tem buscado uma terceira via, eliminando a luta anticapitalista.

Os/as coletivos/as juvenis destacam ainda, a importância da educação de qualidade, a valorização da diversidade cultural e o combate ao sucateamento e precarização da educação pública, são eles União da Juventude Socialista (UJS), Coletivo Juventude Periférica, União da Juventude Comunista (UJC), Movimento Enfrente, reivindicam investimentos na educação, o respeito à diversidade de saberes e a garantia de condições dignas para estudantes, além de lutarem pelo o acesso à cultura e às universidades aqueles que historicamente tiveram seus direitos de ingresso negados.

E, ainda, no âmbito do trabalho, os/as coletivos/as juvenis lutam pela garantia de condições dignas, respeito aos direitos básicos dos trabalhadores e segurança no ambiente de trabalho. Está presente nas pautas defendidas pelos/as coletivos/as União da Juventude Socialista (UJS), Coletivo Negritude em Movimento, Jovens pela democracia que denunciam a precarização, a exploração e as injustiças no mundo do trabalho, buscando formas de organização e resistência para defender os direitos trabalhistas e a dignidade dos trabalhadores jovens.

Portanto, os/as coletivos/as juvenis, ao abraçarem essas diversas pautas e temas, demonstram uma consciência crítica e uma atuação proativa na transformação

da sociedade. Suas lutas não se limitam apenas a demandas específicas, mas buscam uma transformação estrutural que promova a emancipação humana em todos os aspectos. Ao trabalharem em conjunto e articularem suas ações nos espaços físicos e nas mídias digitais, esses coletivos ampliam suas vozes e conseguem impactar de forma significativa os debates públicos e as políticas sociais.

Suas principais ações são atividades e eventos para que possam disseminar informações, promover debates, rodas de conversa, formas de enfrentamento, manifestações e protestos pacíficos em defesa de seus direitos e por mudanças legislativas, além de criarem espaços seguros e inclusivos para que possam se apoiar mutuamente.

Assim, sua atuação representa não apenas uma resistência às opressões e injustiças, mas também uma afirmação dos valores de igualdade, justiça, diversidade e sustentabilidade, fundamentais para a construção de uma sociedade com emancipação política e social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do exposto, é evidente que as juventudes não apenas enfrentam desafios diversos, mas também são sujeitos sócio-políticos ativos na transformação social, que sofrem os impactos das transformações societais e contemporâneas instituídas pelas crises do sistema capitalista, provocando mudanças profundas, onde suas condições materiais e subjetivas de existência, que expressam desigualdades sociais que possuem no interior das relações sociais.

Dessa forma, as lutas sociais protagonizadas por esse segmento através da criação dos coletivos e iniciativas nas mídias digitais, refletem uma busca por transformação da sociedade e em sua condição juvenil. Os temas abordados, como antirracismo, feminismo, LGBTQIAP+, meio ambiente, educação, cultura e trabalho, demonstram uma consciência crítica e uma atuação ativa na construção dessa sociedade mais inclusiva e democrática.

Logo, a atuação desses jovens vai além de demandas específicas, buscam uma transformação estrutural que promova a emancipação humana em todos os aspectos. Suas vozes ampliadas pelos coletivos e mídias digitais impactam significativamente os debates públicos, nas diferentes esferas de participação política e social, e também, em políticas sociais como conquistas, reafirmando valores fundamentais para uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

- Abramo, Helena Wendel. *Cenas Juvenis Punks e darks no espetáculo urbano*. Página Aberta: São Paulo, 1994.
- Abramo, H.W.; BRANCO, P.P.M. (org). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- Castells, Manuel. *O poder da identidade*. v. 2. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- Castells, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- Cavalcante, M. A. M., & Teixeira, S. M. (2023). Juventudes e os retrocessos político-sociais da Nova Direita no Brasil. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 22(1), e43600. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2023.1.43600>. Acesso em: 26 de março de 2024.
- Coimbra, K. E. R., & Morais, M. D. C. de. (2020). Coletivismo juvenil em Teresina: desenhando um panorama a partir das mídias sociais Instagram e Facebook. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, 7(3, jul.-dez.), 161–195. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v7i3.33699>. Acesso em: 27 de março de 2024.
- Esteves, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In: ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventude: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007.
- Gohn, Maria Glória. *Movimentos sociais e educação*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- Gohn, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- Gramsci, A. *Cadernos do cárcere* Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002 . v. 5.
- Gramsci, A. *Cadernos do cárcere* Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000b. v. 2.
- Gramsci, A. *A questão meridional*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Gramsci, A. *Cadernos do cárcere* Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

Novaes, R. R. (2002). Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPÓSITO, M. P. (orgs.) Juventude em Debate. 2ª ed. São Paulo: Cortez. p.46-70.

Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.), Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004, 304 p.

Sposito, Marília Pontes. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010.